

# O REAL E O IMAGINÁRIO EM MORTE DO LEITEIRO

Sérgio Sapucahy



Ao Mário  
com a amizade  
Toda do  
Café  
B.H. 2.10.27





# O REAL E O IMAGINÁRIO EM MORTE DO LEITEIRO

Sérgio Sapucahy\*

## I – Razões para uma Análise.

objetivo deste trabalho é evidenciar elementos literários com os quais a poesia de Drummond proporciona ao leitor ampliar seu conhecimento do Homem, e conseqüentemente da Sociedade, sem comprometimento da autonomia do processo criativo.

Para alcançá-lo, pressupõe o imaginário como a realidade mais completa, porque livre de qualquer compromisso com as "verdades" manipuláveis ao sabor de circunstâncias e ideologias. Com essa convicção, toma como princípio norteador as palavras de Emanuel Carneiro Leão: "A arte é um modo extraordinário de ser real."<sup>1</sup>

## II – O Poema

### Morte do Leiteiro

I  
Há pouco leite no país  
é preciso entregá-lo cedo.  
Há muita sede no país,  
é preciso entregá-lo cedo.  
Há no país uma lenda,  
que ladrão se mata com tiro.

\* Mestre em Teoria Literária. Professor da Universidade da Amazônia (UNAMA) e da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

1 – LEÃO, Emanuel Carneiro. "A Arte e a Realidade", Revista Tempo Brasileiro, p. 121.



II  
Então o moço que é leiteiro  
de madrugada com sua lata  
sai correndo e distribuindo  
leite bom para gente ruim.  
Sua lata, suas garrafas,  
e seus sapatos de borracha  
vão dizendo aos homens no sono  
que alguém acordou cedinho  
e veio do último subúrbio  
trazer o leite mais frio  
e mais alvo da melhor vaca  
para todos criarem força  
na luta brava da cidade.

III  
Na mão a garrafa branca  
não tem tempo de dizer  
as coisas que lhe atribuo  
nem o moço leiteiro ignora,  
morador na Rua Namur,  
empregado no entreposto,  
com 21 anos de idade,  
sabe lá o que seja impulso  
de humana compreensão.  
E já que tem pressa, o corpo  
vai deixando à beira das casas  
uma apenas mercadoria.

IV  
E como a porta dos fundos  
também escondesse gente  
que aspira ao pouco de leite  
disponível em nosso tempo,  
avancemos por esse beco,  
peguemos o corredor,  
depositemos o litro ...  
Sem fazer barulho, é claro,  
que barulho nada resolve.



V

Meu leiteiro tão sutil  
de passo maneiro e leve  
antes desliza que marcha.  
É certo que algum rumor  
sempre se faz: passo errado,  
vaso de flor no caminho,  
cão latindo por princípio,  
ou um gato quizilento.  
E há sempre um senhor que acorda,  
resmunga e torna a dormir

VI

Mas este acordou em pânico  
(ladrões infestam o bairro)  
não quis saber de mais nada.  
O revólver da gaveta  
saltou para sua mão.  
Ladrão? Se pega com tiro.  
Os tiros na madrugada  
liquidaram meu leiteiro.  
Se era noivo, se era virgem,  
se era alegre, se era bom,  
não sei,  
é tarde para saber.

VII

Mas o homem perdeu o sono  
de todo, e foge pra rua.  
Meu Deus, matei um inocente.  
Bala que mata gatuno  
também serve pra furtar  
a vida de nosso irmão.  
Quem quiser que chame médico,  
polícia não bota a mão  
neste filho de meu pai.  
Está salva a propriedade.  
A noite geral prossegue,  
a manhã custa a chegar,  
mas o leiteiro estatelado ao relento,  
perdeu a pressa que tinha.



VIII

Da garrafa estilhaçada,  
 no ladrilho já sereno  
 escorre uma coisa espessa  
 que é leite, sangue ... não sei.  
 Por entre objetos confusos,  
 mal redimidos da noite,  
 duas cores se procuram,  
 suavemente se tocam,  
 amorosamente se enlaçam,  
 formando um terceiro tom  
 a que chamamos aurora.

## III- A Análise

Entre tantos poemas de Drummond, escolheu-se *Morte do Leiteiro* para se examinar a interseção entre o real e o imaginário. Não ao acaso – o tempo é de insuportável violência – a escolha privilegiou um texto em que o tema da morte permite que o signo poético seja não só instrumento de denúncia, mas, principalmente, símbolo de esperança.

Em *Morte do Leiteiro*, certos aspectos formais fazem-nos supor, de início, que a realidade está “perigosamente” próxima, como se os mecanismos da criação poética tivessem sido usados com menor intensidade. Uma leitura rápida parece nos dizer que, do referencial ao poético, contornou-se o lúdico. Para isso concorrem a narrativa em forma de crônica em versos (Se dermos asas à imaginação, seria crível pensar o poema saído das páginas policiais de um vespertino qualquer) e os elementos descritivos de forte apelo visual (leite, vaso de flor, sangue, revólver ...), aos quais ROLAND BARTHES credita, em “O Efeito do Real”, uma finalidade importante na instituição literária como forma de expressar o belo. Nossa tarefa é, portanto, verificar em que grau o poema se identifica com a realidade a qual retrata.

A primeira estrofe funciona como um prólogo. Ao lê-la, sentimos que foi feita para o canto (versos em redondilha maior). É como se um coro anunciasse a tragédia. Nela, a inserção no contexto nacional do fato a ser narrado: um episódio do cotidiano. Os sintagmas “pouco leite / muita sede” e “ladrão se mata com tiro” produzem no leitor o chamado efeito de presença. Por que o leite é pouco e há tanta sede no país? Dados exteriores nos



informam que o poema pertence à “Rosa do Povo”, primeira edição datada de 1945. Os poemas se escreveram ao longo da 2ª guerra. Tempo de guerra, de racionamentos, de miséria produzindo ladrões. O leite é branco e há muita sede. As consciências estão sujas; é preciso limpá-las. Por outro lado, a lenda “Ladrão se mata com tiro” é um aforismo da sociedade fechada ao diálogo, que cultiva verdades inquestionáveis.

A narrativa do fato se inicia com a palavra “então”, trazendo para o poema o coloquial brasileiro no hábito de intercalar ao ato de contar esta denotativa de situação que, no poema, dá ao leitor a idéia de narração já em curso. O poeta introduz-nos diretamente na história. Esta nos fala de um moço que madruga para alimentar a cidade. O poeta jamais se libertou da província, ainda que a tenha deixado bem cedo. Habitante da cidade grande, primeiro Belo Horizonte, depois Rio de Janeiro, ele continua preso à terra, ao campo (“Espírito de Minas, me visita e sobre a confusão desta cidade / onde voz e buzina se confundem / lança teu claro raio ordenador”)<sup>2</sup>. Assim o que vem do campo é bom (o leite é bom, o leiteiro é bom), mas a cidade é má; a vida nela, uma guerra.

“

.....  
sai correndo e distribuindo  
leite bom pra gente ruim

.....  
trazer o leite mais frio  
e mais alvo da melhor vaca  
para todos criarem força  
na luta brava da cidade.”

Percebe-se que os elementos descritivos, de que nos fala Barthes, funcionam no texto como catalisadores do real, conferindo verossimilhança ao fato narrado. A lata, as garrafas, os sapatos de borracha não só proporcionam a construção da personagem - tipo, como também com vaso, gato, cão serão instrumentos do trágico.

2 - DRUMMOND. Prece de Mineiro no Rio in “A Vida Passada a Limpo”.



“.....  
 Meu leiteiro tão sutil  
 De passo maneiro e leve  
 Antes desliza que marcha  
 É certo que algum rumor  
 Sempre se faz: passo errado

Na terceira estrofe, o poeta nos diz que seu leiteiro é pessoa simplória, inconsciente do papel que desempenha nos “*theatrum mundi*”<sup>3</sup>. Destaca-se o reforço dessa inconsciência, quando, ao final dela, por metonímia, o leiteiro é apenas um corpo que distribui leite à porta das casas. Mas o poeta, ao contrário, é possuidor da consciência do mundo e fala pelo leiteiro.

“.....  
 não tem tempo de dizer  
 as coisas que lhe atribuo”

Ele sabe “o que seja impulso de humana compreensão”. E, verdadeiro conhecedor do mundo, adota definitivamente o leiteiro (pelo possessivo meu) e com ele todos os puros, insanos, ignaros marginalizados pela cidade que os produziu. Tal qual fizera em “Canto ao Homem do Povo Charles Chaplin”, assumindo o heterônimo Carlitos, tira-o do anonimato, desvenda seu drama. É a função do poeta como sujeito da História.

“Meu leiteiro tão sutil  
 .....  
 Os tiros na madrugada  
 Liquidaram meu leiteiro”

X

“Colo teus pedaços  
 Unidade estranha é a tua, em mundo assim pulverizado.

E nós, que a cada passo nos cobrimos e nos despimos e nos mascaramos mal teremos em ti o mesmo homem.

3 – SANT’ANA, Afonso Romano de. “Carlos Drummond de Andrade. Análise da Obra”. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 3ª ed, p. 15.



aprendiz  
 bombeiro  
 caixeiro  
 doceiro  
 emigrante  
 forçado  
 maquinista  
 noivo  
 patinador  
 soldado  
 músico  
 peregrino  
 artista de circo  
 marquês  
 marinheiro  
 carregador de piano

apenas para entregar tu mesmo"<sup>4</sup>

O poeta quer nos tirar de nossa indiferente e cômoda posição de espectadores do drama da vida, se não fôssemos também personagens. Faz-nos co-participar, tornando-nos sujeito da ação que narra.

".....  
 Avancemos por este beco,  
 peguemos o corredor,  
 depositamos o litro

Identificados com a vítima, é preciso conhecer seu algoz. O leiteiro vem de longe, do último subúrbio, "acordou cedinho"; o assassino dorme seu sono de proprietário. O poeta o apresenta: um senhor.

A morte do leiteiro remete-nos à questão do tempo na existência humana, à importância do presente na poética de Drummond.

4 – DRUMMOND. "Canto do Homem do Povo: Charles Chaplin in Rosa do Povo".



“Se era noivo, se era virgem  
se era alegre, se era bom,  
não sei,  
é tarde para saber”

Estamos rodeados de pessoas e nos recusamos a conhecê-las, permanecemos solitários na multidão. Compreendemos, desse modo, o desencontro entre o leiteiro e o proprietário, na recusa deste de questionar suas verdades. Os versos “não quis saber de mais nada” e “é tarde para saber” trazem ao leitor o absurdo de uma relação humana com base na preservação de bens materiais, impossibilitando uma verdadeira convivência.

Na penúltima estrofe, morto o leiteiro, consumada a tragédia, o poeta nos remete ao problema da consciência. Matar é certo? É legal? Lembremos que o poeta coloca no início do poema este aforismo.

“Há no país uma legenda  
que ladrão se mata com tiro”

Retoma-o, modificando-lhe a estrutura pela quebra do ritmo: “Ladrão? Se pega com tiro”. Ao grito da consciência, “Meu Deus matei um inocente”, a imediata resposta, descobrindo a postura burguesa da personagem:

“Quem quiser que chame médico,  
polícia não bota a mão  
neste filho do meu pai.  
Está salva a propriedade”.

A imagem da garrafa estilhaçada metaforiza a destruição da vida e, ao mesmo tempo, revela o reconstruir da vida na união do leite e do sangue. Como em “Carta a Stalingrado” – (“Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres / a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem”)<sup>5</sup> em que a vida renasce da morte.

5 - \_\_\_\_\_ “Carta a Stalingrado in Rosa do Povo”.



Ao final do poema, a imagem da garrafa estilhaçada metaforiza a destruição da vida, ao mesmo tempo que revela a reconstrução dela na união do leite e do sangue. Ainda que a “noite geral prossiga” e a manhã custe a chegar, daquele corpo estendido já sem pressa, nasce uma aurora. Essa metáfora da vida que renasce é a esperança de que a poesia, agora como função social, possa “reorganizar” o mundo.

Ao contrário do que se imaginou no início da leitura de “Morte do Leiteiro”, a construção não se faz diretamente do referencial ao poético. Só na aparência a linguagem é denotativa (“O poeta é um fingidor”). Na verdade, quanto mais se aproxima de uma realidade palpável mais densamente poética ela se revela. As metáforas do leiteiro, do leite e do senhor para falar de trabalhador, pureza e patrão fazem emergir o choque ideológico entre capital e trabalho na sociedade ocidental, um efeito de presença como resultado da articulação da realidade pela poesia.

#### IV – Conclusão

Por fim, o desejo de que a desmontagem da obra, procedimento inevitável da análise não lhe tenha roubado a magia poética. Ao contrário, tenha permitido que cada uma das partes alcançadas seja reveladora das mil faces do real.



